

A ENGANOSA PROSPERIDADE DOS ÍMPIOS À LUZ DO SALMO 10: UMA REFLEXÃO DEVOCIONAL

*Hermisten Maia Pereira da Costa**

RESUMO

Considerando o aparente sucesso do ímpio em seus atos de blasfêmia, arrogância, soberba e imoralidade, o salmista, numa atitude precipitada, sente-se inseguro em relação a Deus e aos acontecimentos que presencia. Partindo da conclusão madura do salmista, o artigo analisa como a ótica da fé é fundamental para crer em Deus e continuar crendo apesar de nossa visão imediata e precipitada da situação que nos circunda.

PALAVRAS-CHAVE

Salmo 10; Impiedade; Ateísmo; Justiça de Deus; Paciência; Fé.

INTRODUÇÃO

Conforme vimos em outro artigo,¹ todo conhecimento parte de um pré-conhecimento que nos é fornecido por nossa condição ontologicamente finita e pelas circunstâncias temporais, geográficas, intelectuais e sociais dentro das quais construímos as nossas estruturas de conhecimento. Só existe possibilidade de conhecimento porque, entre outras coisas, antes de nós percebermos, há um objeto referente que, por existir, possibilita o conhecer. Deste modo, o ser antecede ao sujeito que conhece e, portanto, ao próprio conhecer. Somente em Deus há a perfeita harmonia e coexistência entre o ser e o conhecer. Em nossa finitude, a essência precede à experiência. E esta modela a nossa visão

* Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Seminário Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo. Integra a equipe pastoral da Primeira Igreja Presbiteriana em São Bernardo do Campo (SP).

¹ COSTA, Hermisten M. P. A religião entre os gregos e o ateísmo prático à luz do Salmo 14. *Fides Reformata* XVI-2 (2011), p. 119-149.

do mundo. Fazer uma inversão aqui seria algo avassalador para a nossa epistemologia e, conseqüentemente para a nossa práxis.

Somos em muitos sentidos parte de um produto cultural, filhos de uma geração com uma série de valores que determinam em grande parte as nossas pré-compreensões. Valendo-se de uma figura de Aristóteles (384-322 a.C.), Mohler faz uma aplicação interessante e elucidativa:

A última criatura a quem você deveria perguntar como é se sentir molhado é a um peixe, porque ele não faz ideia de que *esteja* molhado. Uma vez que nunca esteve seco, ele não tem um ponto de referência. Assim somos nós, quando se trata de cultura. Somos como peixes no sentido de que não temos sequer a capacidade de reconhecer onde a nossa cultura nos influencia. Desde a época em que estávamos no berço, a cultura tem formado nossas esperanças, perspectivas, sistemas de significado e interpretação, e até mesmo nossos instrumentos intelectuais.²

Portanto, a realidade se mostra a nós com contornos próprios delineados não simplesmente pelo que ela é, mas, também, pelos nossos olhos que a enxergam e pinçam fragmentos desta realidade conferindo-lhes novas configurações com cores mais ou menos vivas, atribuindo-lhes valores muitas vezes bastante distintos dos reais.

O Salmo 10 reflete a situação singular de uma sociedade onde o mal parece imperar: o descaso para com Deus, o desprezo para com a lei, a difamação, exploração, perseguição e destruição são moedas correntes.³ Temos aqui uma descrição sumária da anatomia do coração e da mente humana sem Deus e algumas de suas implicações.

Neste salmo nos deparamos com a perspectiva de um homem fiel, temente a Deus, mas que se angustiava com a aparente prosperidade do ímpio e os seus atos de extrema maldade. A situação tem dois aspectos confluentes que intensificavam a sua dor. À sua vista, o ímpio não enfrentava problemas; tudo lhe corria bem. Para agravar a situação, até Deus, de quem se espera uma atitude justa, parecia distante no momento em que o salmista mais sentia necessidade de sua presença provedora.

Isto é expresso no primeiro verso: “Por que, SENHOR, te conservas longe? E te escondes nas horas de tribulação?” (Sl 10.1). Vejamos, então, alguns aspectos desta descrição.

² MOHLER JR., Albert. Pregar com a cultura em mente. In: DEVER, Mark (Ed.). *A pregação da cruz*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 66. Lewis se vale parcialmente desta figura, argumentando: “Nós nos sentimos molhados, se cairmos na água, porque não somos animais aquáticos: um peixe não se sente molhado”. LEWIS, C. S. *A essência do cristianismo autêntico*. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária, (s.d.), p. 20-21.

³ “Esta descrição representa, como num espelho, uma viva imagem de um estado amplamente corrupto e caótico da sociedade”. CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Paracletos, 1999, v. 1, p. 204 (Sl 10).

1. A ESTRUTURA DE PENSAMENTO E COMPORTAMENTO DO ÍMPIO

À luz deste salmo, podemos dizer que toda a estrutura de pensamento do ímpio parte de uma perspectiva errada a respeito de Deus. Uma falsa teologia nos conduz, invariavelmente, a uma visão defeituosa da realidade, a uma ética desfocada e, portanto, viciada. Analisemos alguns desses aspectos conforme o Salmo 10 nos mostra:

1.1 *Em relação a Deus*

1.1.1 Amaldiçoa e blasfema contra Deus

“Pois o perverso se gloria da cobiça de sua alma, o avarento maldiz o SENHOR e *blasfema* (*nã’ats*) contra ele” (Sl 10.3).

O *blasfemar* (*nã’ats*) contra Deus aqui é o mesmo que *desprezar*, *rejeitar*, *abominar* conforme aparece no verso 13. O ímpio, quando é bem-sucedido em seus maus caminhos, tende a adotar a postura de blasfemar contra Deus, desprezá-lo em suas palavras e comportamento, maldizendo o nome de Deus, ou seja, a sua natureza santa e justa (Sl 74.10,18).⁴ O blasfemador toma a longanimidade de Deus como motivo para suas zombarias e leviandades. Ele se gloria em seus desejos pecaminosos e na capacidade de concretizá-los. “Seguro pelos sucessos externos, silencia prontamente a voz da consciência”.⁵

1.1.2 Ateísmo funcional irresponsável e propalado

“O *perverso* (*rãshã’*), na sua soberba, não *investiga* (*dârash*); que não há Deus são todas as suas *cogitações* (*mezimmah*)” (Sl 10.4).

Este homem *perverso* (*rãshã’*) (versos 3, 4 e 15) é também chamado de *ímpio* (2,13) e *malvado* (15). Aqui temos um ateísmo funcional ou prático.⁶ O ímpio descrito não está interessado em investigar a questão da existência ou

⁴ “Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará? Acaso, *blasfemar* (*nã’ats*) o inimigo incessantemente o teu nome?” (Sl 74.10). “Lembra-te disto: o inimigo tem ultrajado ao SENHOR, e um povo insensato tem *blasfemado* (*nã’ats*) o teu nome” (Sl 74.18).

⁵ WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 107. De modo semelhante, Calvino escreve: “Os ímpios e perversos, se vendo intoxicados com sua prosperidade, lançavam de si todo o temor de Deus”. CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 204 (Sl 10).

⁶ “Um ateu teórico é alguém que nega com consciência a existência de um ser supremo, ao passo que um ateu prático pode até acreditar que existe um ser supremo, mas vive como se não existisse nenhum Deus”. POJMAN, Louis P. Ateísmo. In: AUDI, Robert (Dir.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 54). Detalharemos melhor este ponto ao estudar o Salmo 14.

não de Deus. Falta-lhe humildade e bom senso para isso. Ele, na realidade, vive conforme a sua fé: Deus não existe. Esta é a sua filosofia existencial. Não nos esqueçamos de que tanto o teísmo como o ateísmo são uma questão de fé!⁷ Para as questões éticas, o perigo jaz no ateísmo funcional, não necessariamente no teórico.

Vejam então como o ateísmo influencia diretamente a nossa ética. O ateu prático confesso conforme é aqui descrito passa a não ter compromisso com nada, exceto com seus interesses. Ele não se importa com nada nem com ninguém. Não há valores transcendentais que o referenciem. Não há Deus. Não há lei.⁸ Por isso, ele só se importa com os seus interesses. Todas as suas “*co-gitações*” (*mezimmaḥ*) (verso 4) estão fundamentadas e são realizadas partido da impunidade. Sente-se livre e à vontade para planejar o mal, tramar, cometer impiedade, praticar perversidade, ser mau. Não há lei ou ele se julga superior a todas as leis. As leis são para os outros, não para ele.

Como o homem foi criado para se relacionar com Deus, o ateísmo afeta a nossa estrutura ontológica,⁹ a nossa natureza, interferindo, portanto, dramaticamente em nossa perspectiva da realidade, na estruturação de nosso pensamento, sentimentos e de todas as coisas. “Quando o Criador é excluído, o nosso próprio pensamento se torna ‘nulo’”.¹⁰

Não há neutralidade em relação a Deus, porque de fato não há autonomia:

⁷ “O ateísmo é uma questão de fé tanto quanto o cristianismo”. MCGRATH, Alister. *O Deus desconhecido: em busca da realização espiritual*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 23. “O cristão que acredita em Deus, então, o faz por fé. Mas o ateu precisa fazer o mesmo. Ele crê que Deus não existe. Isso mesmo: crê. Como não consegue provar que não existe Deus, o ateísmo também é um tipo de fé”. MCGRATH, Alister. *Como lidar com a dúvida sobre Deus e sobre você mesmo*. Viçosa, MG: Ultimato, 2008, p. 36. “Pode-se negar que a existência de Deus seja demonstrável. Não se pode demonstrar que Deus não existe”. LACOSTE, Jean-Yves. Ateísmo. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 204. Ver: CLARK, Gordon H. *Em defesa da teologia*. Brasília, DF: Monergismo, 2010, p. 29ss.; CRAIGIE, Peter C. *Psalms 1-50*. Word Biblical Commentary, v. 19. 2. ed. Waco: Thomas Nelson, 2004, p. 126-127 (SI 10).

⁸ “... visto sua própria concupiscência ser sua lei, ele imagina que lhe é lícito fazer tudo quanto lhe apeteça”. CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 210 (SI 10.4).

⁹ “Deixar de relacionar-se com Deus é deixar de ser completamente humano. Ser realizado é ser plenificado por Deus. Nada transitório pode preencher esta necessidade. Nada que não seja o próprio Deus pode esperar tomar o lugar de Deus. Assim mesmo, por causa da decadência da natureza humana, há hoje a tendência natural de se tentar fazer com que outras coisas preencham essa necessidade. O pecado nos afasta de Deus, e nos leva a pôr outras coisas em seu lugar. Essas vêm para substituir Deus. Elas, porém, não satisfazem. E, como a criança que experimenta e expressa insatisfação quando o pino quadrado não se encaixa no orifício redondo, passamos a experimentar um sentimento de insatisfação. De alguma forma, permanece em nós a sensação de necessidade de algo indefinível de que a natureza humana nada sabe, só sabe que não o possui”. MCGRATH, Alister E. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*. São Paulo: Shedd, 2007, p. 68.

¹⁰ VEITH JR., Gene Edward. *De todo o teu entendimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 73.

Seres humanos jamais são neutros em relação a Deus. Adoramos a Deus como Criador e Senhor ou nos afastamos de Deus. Porque o nosso coração é dirigido por Deus ou contra Deus, o pensamento teórico jamais é puro ou autônomo como muitos gostariam de pensar.¹¹

O *não investigar* (*dârash*) (Sl 10.4) significa não se importar, não buscar a Deus. O ímpio acredita não ter elementos suficientes para crer em Deus; contudo, paradoxalmente, sustenta ter razões suficientes para negá-lo. Ou, como afirmou Eco: “... não vejo como é possível não acreditar em Deus e considerar que não se pode comprovar Sua existência, e depois a acreditar firmemente na inexistência de Deus, pensando poder prová-Lo”.¹² Deste modo, o ímpio está satisfeito com a sua conclusão gratuita e, arrogantemente, propala isso com palavras e atitudes, sendo a sua ideologia reforçada pela sua evidente prosperidade e impunidade que enchem os olhos dos menos avisados e também precipitados em suas conclusões.

O não investigar é um mal em si mesmo. Um bom princípio é examinar o que se nos apresenta como realidade, não nos deixando seduzir e guiar por nossas inclinações ou pelas tendências massificantes. Em geral, quando nos faltam critérios objetivos, apelamos para o gosto como critério definitivo e solitário. Assim, somos conduzidos simplesmente por princípios que nos agradam sem verificar a sua veracidade. O fim disso pode ser trágico. Assim sendo, por mais autoeloquentes que possam se configurar aspectos da chamada realidade, precisamos examiná-los antes de os tomarmos como pressupostos para a aceitação de outras declarações também reivindicatórias. Quando nos omitimos deste exame, deste juízo crítico, sem perceber estamos contribuindo para que os ensinamentos hoje aceitos inconsistentemente amanhã se tornem pressupostos que determinarão as nossas escolhas e avaliações.¹³

As *hipóteses* de hoje poderão se tornar nas *teorias* de amanhã e as futuras *leis* do pensamento e da moral. Neste caso, já estarão acima de qualquer suspeita e discussão: tornaram-se verdade. A ciência é, com frequência, um refinamento das observações cotidianas.¹⁴

Como escreveu Pearcey: “A questão importante é o que aceitamos como premissas básicas, pois são elas que moldam tudo o que vem depois”.¹⁵ Há o

¹¹ NASH, Ronald H. *Questões últimas da vida: uma introdução à filosofia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 22.

¹² ECO, Umberto. In: ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. *Em que crêem os que não crêem?* Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 85.

¹³ Ver: LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 5.

¹⁴ Creio ser interessante ler o texto: JONES, Taylor B. Por que uma visão bíblica da ciência? In: MACARTHUR, John (Ed. ger.). *Pense biblicamente!:* recuperando a visão cristã do mundo. São Paulo: Hagnos, 2005, especialmente p. 337-363.

¹⁵ PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta:* libertando o cristianismo de seu cativo cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 44.

perigo de, sem nos darmos conta, formar a nossa cosmovisão com base em um mosaico de peças promíscuas, contraditórias e excludentes.

1.1.3 Deísmo imoral

“Diz ele, no seu íntimo: *Deus se esqueceu*, virou o rosto e não verá isto nunca. (...) Por que razão despreza o ímpio a Deus, dizendo no seu íntimo que *Deus não se importa (dârash)?*” (Sl 10.11,13).

Curiosamente a palavra que é usada para falar do *ímpio* que *não investiga* (Sl 10.4) é a mesma que o ímpio usa para dizer que *Deus também não se importa conosco* (Sl 10.13). Deste modo, temos um ateu que não se importa com Deus e acredita que se há Deus ele não se importa conosco. Este homem dá uma espécie de troco ao Deus por ele concebido com vistas ao seu aniquilamento: ele não liga para mim, também eu não o levo em consideração. Temos aqui a concepção de um Deus apático, indiferente ou um Deus distante,¹⁶ conforme viria a difundir o deísmo.¹⁷

O deísmo é uma denominação genérica das doutrinas filosófico-religiosas que surgiram em meados do século 17, as quais, contrapondo-se ao “ateísmo”, afirmavam a existência de Deus; entretanto, negavam a revelação especial, os milagres e a providência.¹⁸ Esse Deus é concebido preliminarmente como a causa motora do universo. Uma das ideias predominantes era a de que um Deus transcendente criou o mundo dotando-o de leis próprias e retirou-se para o seu ócio celestial, deixando o mundo trabalhar conforme as leis predeterminadas. Uma figura comum ao deísmo do século 18 era a do relógio de precisão,¹⁹ que seria o equivalente ao universo que trabalha sozinho depois de se lhe dar

¹⁶ “Imaginavam que ele estava confinado no céu, onde se entregava ao ócio sem sentir a menor preocupação com o que se faz aqui em baixo”. CALVINO, v. 1, p. 214 (Sl 10.5-6).

¹⁷ Palavra que parece ter sido usada pela primeira vez no século 16 pelos socinianos, objetivando distinguirem-se dos ateus. Cf. Deísmo. In: LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 236. É neste sentido que Pierre Viret (1511-1571), teólogo calvinista, amigo e correspondente de Calvino, usou a expressão em 1564: “Há vários que confessam que acreditam que existe um Deus e uma Divindade, como os Turcos e os Judeus. Ouvi dizer que há nesse bando aqueles que se chamam Deístas, uma palavra totalmente nova que eles querem opor ao Ateísmo”. VIRET, P. *Instruction Chrétienne*. Apud: Deísmo. In: LALANDE, *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*, p. 236. A respeito do emprego da palavra *ateísmo*, ver também: MOHLER JR., Albert. *Ateísmo remix: um confronto cristão aos novos ateístas*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009, p. 21-22.

¹⁸ Calvino fala de uma crença semelhante sustentada pelos epicureus e outros sistemas da antiguidade: “Silêncio quanto aos Epicureus, peste de que o mundo tem sempre estado cheio, que sonham a um Deus ocioso e inoperante, e outros em nada mais são, que outrora imaginaram que Deus assim governasse acima da região média do ar, que deixasse as partes inferiores à sorte”. CALVINO, *As Institutas*, I.16.4.

¹⁹ Esta figura fora usada no século 14 por Nicolaus de Oresmes. Cf. CHARLEY, J. W. Deísmo. In: NELSON, Wilton M. (Ed. Ger.). *Diccionario de Historia de la Iglesia*. Miami, Flórida: Editorial Caribe, 1989, p. 332.

corda. A conclusão tirada pelos deístas é que as leis que regem o universo são imutáveis. O deísmo conseqüentemente atribui à criação a capacidade de se sustentar e se governar por si mesma.²⁰ Temos aqui um naturalismo autônomo.

Desta forma, Deus é um proprietário ausente, que não age diretamente sobre a criação. A única relação existente entre o Criador e a criação se dá por meio de suas leis deixadas, as quais regem o universo de forma determinista.²¹ Deus seria regente do universo “apenas de nome”.²²

1.1.4 Senso de impunidade exacerbado

“Pois diz lá no seu íntimo: Jamais serei *abalado* (*mot*); de geração em geração, nenhum mal me sobrevirá” (Sl 10.6).

O ímpio crê firmemente em seu coração que poderá continuar fazendo o mal enquanto quiser; mal nenhum em tempo algum lhe sobrevirá; ele jamais vacilará. “Os ímpios com frequência vomitam linguagem soberba a esse respeito”.²³ O senso de impunidade é um estímulo à sofisticação da crueldade.²⁴

1.2 Em relação a si mesmo

1.2.1 Arrogante

“Com *arrogância* (*rāshā*’), os ímpios perseguem o pobre...” (Sl 10.2).

O *arrogante* (*rāshā*’) aqui descrito é o mesmo *ímpio* ilustrado no Salmo 1.6;²⁵ *iníquo* (Sl 5.4), *perverso* (Sl 9.17; 10.3,4; 11.6; 12.8; 17.9). O arrogante é capaz de qualquer crueldade para evidenciar aquilo que julga ser verdade: a sua superioridade.²⁶

O arrogante confia tanto em sua capacidade que não percebe o cerco e emboscada que prepara para si mesmo. Se há uma coisa que o arrogante não tem é senso de perigo. Demovê-lo de sua excessiva confiança em si mesmo é algo extremamente difícil; ele sempre acha que tem uma solução fruto do brilho que lhe é próprio. Por isso, termina por ficar preso no próprio produto de

²⁰ Cf. SHEDD, William G. T. *Dogmatic theology*. 2. ed. Nashville: Thomas Nelson, © 1980, v. I, p. 528.

²¹ Ver: Destino. In: Voltaire, *Dicionário filosófico*. Os Pensadores XXIII. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 154-155; GEISLER, N. L.; FEINBERG, P. D. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 218ss.; WAINWRIGHT, William J. Deísmo. In: AUDI, *Dicionário de filosofia de Cambridge*, p. 212.

²² CALVINO, *As Institutas*, I.16.4.

²³ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 215 (Sl 10.5-6).

²⁴ “A impunidade é mãe da libertinagem”. CALVINO, João. *Efésios*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 186 (Ef 6.9).

²⁵ Do mesmo modo Sl 3.7; 7.10; 9.5; 26.5; 28.3, etc.

²⁶ Ver: CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 207 (Sl 1.2).

sua arrogância: “Faz-se conhecido o SENHOR, pelo juízo que executa; enlaçado está o *ímpio* (*râshã*) nas obras de suas próprias mãos” (Sl 9.16).

1.2.2 Soberbo

“O perverso, na sua *soberba* (*gobah*), não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações” (Sl 10.4).

A expressão descreve alguém que tem um espírito de superioridade, sente-se mais alto do que os demais. Ele se julga melhor e mais capaz do que todos, daí a confiança em seus planos, estratégias e métodos para iludir, humilhar, convencer e destruir.²⁷ Ele sabe, está satisfeito com isso. Não precisa investigar coisa alguma. Este, por tais atos, é abominável ao Senhor: “Abominável é ao SENHOR todo *arrogante* (*gobah*) de coração; é evidente que não ficará impune” (Pv 16.5).

1.2.3 Autossuficiente

“Pois diz lá no seu íntimo: Jamais serei *abalado* (*mot*); de geração em geração, nenhum mal me sobrevirá” (Sl 10.6).

Ele se sente seguro na sua confortável e aparentemente inabalável situação. Aqui existe algo de extrema relevância que revela a arrogância do ímpio. Analisemos isso:

Nos Salmos encontramos diversas expressões de confiança de servos de Deus que creem também que não serão abalados. Contudo, estes falam desta certeza porque confiam em Deus e seguem a sua Palavra. O Senhor os fortalece e firma, não permitindo que vacilem (Sl 16.8; 17.5; 21.7; 62.2,6; 66.9; 94.18; 121.3; 125.1).²⁸ Aqui, diferentemente, o soberbo tem uma confiança puramente naturalista. Ele por si só, analisando o curso da história sobre o qual crê ter todo o domínio, acredita que jamais será abalado.

Davi, no Salmo 30, em seu cântico de ação de graças a Deus, relembra a sua temporária e vã arrogância e como Deus o disciplinou atraindo-o para Si:

²⁷ Ver: Sl 103.11 e 113.5, referindo-se a Deus.

²⁸ “O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado” (Sl 16.8). “Os meus passos se afizeram às tuas veredas, os meus pés não resvalaram” (Sl 17.5). “O rei confia no SENHOR e pela misericórdia do Altíssimo jamais vacilará” (Sl 21.7). “Só ele é a minha rocha, e a minha salvação, e o meu alto refúgio; não serei muito abalado. (...) Só ele é a minha rocha, e a minha salvação, e o meu alto refúgio; não serei jamais abalado” (Sl 62.2,6). “O que preserva com vida a nossa alma e não permite que nos resvaem os pés” (Sl 66.9). “Quando eu digo: resvala-me o pé, a tua benignidade, SENHOR, me sustém” (Sl 94.18). “Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda” (Sl 121.3). “Os que confiam no SENHOR são como o monte Sião, que não se abala, firme para sempre” (Sl 125.1).

Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira. Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã. Quanto a mim, dizia eu na minha prosperidade: jamais serei *abalado* (*mot*). Tu, SENHOR, por teu favor fizeste permanecer forte a minha montanha; apenas voltaste o rosto, fiquei logo conturbado (Sl 30.5-7).

1.3 Em relação aos homens

1.3.1 Persegue os pobres e necessitados

“Com arrogância, os ímpios *perseguem* (*dalaq*)²⁹ o pobre (*‘aniy*);³⁰ sejam presas das *tramas* (*mezimmah*) (= plano, propósito, “teorias refinadas”) que urdiram. (...) Põe-se de tocaia nas vilas, trucidada os inocentes nos lugares ocultos; seus olhos espreitam o desamparado. Está ele de emboscada, como o leão na sua caverna; está de emboscada para enlaçar o *pobre* (*‘aniy*): apanha-o e, na sua rede, o enleia. Abaixa-se, rasteja; em seu poder, lhe caem os necessitados” (Sl 10.2,8-10).

O seu alvo principal são aqueles que não podem oferecer resistência, que não têm recursos, nem quem os defenda. O salmista emprega *três figuras* para descrever a violência feroz do ímpio que é incandescente em sua perseguição. Ele age como um *ladrão* e *assassino de estrada* (8), um *leão* (9) e um *caçador* (9). As três figuras envolvem o trabalho de preparação para o seu ataque.³¹ O verso 10 apresenta o desfecho deste ataque: “*Abaixa-se, rasteja; em seu poder, lhe caem os necessitados*” (Sl 10.10). No verso 11 vemos o seu raciocínio lógico construído a partir de seu ateísmo prático.³²

1.3.2 Gloria-se em sua cobiça

“Pois o perverso se *gloria* (*hālal*) da *cobiça* (*ta’wāh*) de sua alma, o avaro maldiz o SENHOR e blasfema contra ele” (Sl 10.3).

Ele louva e se alegra com os seus próprios desejos e apetites pecaminosos; cultiva a satisfação em sentir o desejo de destruir, perseguir, humilhar, possuir. Alimenta-se com os seus próprios pecados.

²⁹ A palavra tem também o sentido de *inflamação* (Sl 7.13), *esquentar* (Is 5.11), *acender* (o fogo) (Ez 24.10); *incendiar* (Os 1.18). No texto parece significar perseguir com astúcia, perseverança e intensa fúria (Gn 31.36; Lm 4.19). Calvino diz que “a soberba dos perversos, como o fogo, devora o pobre e aflito”. CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 208 (Sl 10.2).

³⁰ ‘aniy (“necessitado”, “fraco”, “pobre”, “aflito”, “humilde”). Indica alguém que está indefeso, sujeito à opressão. Ver: COPPES, Leonard J. ‘Ānā. In: HARRIS, R. Laird et. al. (Eds.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1145-1146.

³¹ O detalhamento e a aplicação feita por Calvino destas figuras são bastante ilustrativos. Ver: CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 219-220 (Sl 10.8-9).

³² Ver: BOYCE, James M. *Psalms: an expositional commentary*. Grand Rapids, MI: Baker, 1994, v. 1, p. 86, (Sl 10).

1.3.3 Ridiculariza

“São prósperos os seus caminhos em todo tempo; muito acima e longe dele estão os teus juízos; quanto aos seus adversários, ele a todos *ridiculariza (pûha)*” (Sl 10.5).

Profere palavras mentirosas expondo-os ao ridículo; escarnece de todos os seus inimigos. O ato de ridicularizar faz parte de seu arsenal de mentiras. Difunde um testemunho falso a fim de expor ao ridículo o seu oponente. Espalha falsas notícias; daí a ideia de sopro (Pv 19.5,9; 29.8). Temos aqui uma estratégia que visa diminuir e desmoralizar seus adversários. Deste modo, estes, independentemente de seus argumentos, já estarão derrotados à vista daqueles que simpatizaram com as calúnias do ímpio.

1.3.4 Amaldiçoa, engana e insulta

“A boca, ele a tem cheia de maldição, *enganos (mir^emâh)* e opressão; debaixo da língua, insulto e iniquidade” (Sl 10.7).

Ele amaldiçoa, engana (*mir^emâh*)³³ e insulta.³⁴ Usa dos artifícios da linguagem para ameaçar, enganar e humilhar o seu inimigo a quem visa destruir.

2. A PERCEPÇÃO IMEDIATA DO OPRIMIDO

O oprimido, vendo o que vê e como vê, abala-se em sua fé. Há aqui um círculo vicioso: as evidências interferem em minha visão e, quanto mais minha visão é distorcida, as configurações do real assumem papéis distintos que me fazem ver elementos que reforçam o que penso ter visto, apesar disto não corresponder à realidade dos fatos. Pior: corro o risco de ver apenas uma parte da realidade, esquecendo-me de Deus, do seu caráter e poder.

2.1 Em relação a Deus: distante e indiferente

“Por que, SENHOR, te conservas longe? E te escondes nas horas de tribulação? (...) Levanta-te, SENHOR! Ó Deus, ergue a mão! Não te esqueças dos pobres” (Sl 10.1,12).

Calvino chama a atenção para o fato de que “embora Davi se queixe de Deus conservar-se à distância, ele estava, não obstante, plenamente convicto de sua presença consigo; do contrário teria sido debalde tê-lo invocado para prover auxílio”.³⁵

³³ A palavra tem o sentido de *fraudar* (Sl 5.7; 17.1); *agir com dolo* (Sl 24.4; 34.13); *malícia* (Sl 36.3).

³⁴ *Injuriar, oprimir* (Sl 55.11; 72,14).

³⁵ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 206 (Sl 10.1).

Temos aqui, portanto, um sentimento ambíguo: Se por um lado cremos em Deus, por outro, temos a impressão de que ele se mantém indiferente, especialmente porque em nosso coração já idealizamos uma forma de ele agir contra os nossos adversários a qual não percebo acontecendo. Daí a angústia do salmista. Temos um caso paralelo no livro de Jó (21.7-16).³⁶

2.2 *Em relação ao soberbo*

Ele prospera, dando tudo certo em sua vida. A impressão que se tem é que em todo o tempo tudo corre bem nas diversas esferas de sua vida. Ele maquina o mal, é incorreto em seus negócios, amaldiçoa, blasfema, persegue, oprime, mas não tem perigo; tudo dá certo (Sl 10.5). Ele, de fato, infunde terror naqueles que o conhecem (Sl 10.18).

3. CONCLUSÃO DO SALMISTA

3.1 *Quanto à natureza de Deus*

Aqui temos um ponto fundamental: como vemos a Deus? A nossa perspectiva errada de Deus nos conduz a uma visão equivocada da vida, do sucesso e das aflições. Observe que não estou falando apenas circunstancialmente. O fato é que não temos alternativa. Somos essencialmente religiosos. Ou cremos em Deus, conhecendo-o, ainda que não exaustivamente, ou não cremos em Deus. Este é o grande divisor de águas de nossa existência e, por isso mesmo, de nossa visão de mundo e comportamento. Não estou dizendo que tudo se resolva aqui; antes, entendo que a partir deste ponto temos uma bifurcação que, conforme o caminho que vamos seguir, irá definir toda a nossa existência.

A partir do direcionamento que seguirmos, teremos que fazer inúmeras outras escolhas menores durante toda a nossa existência. Estas terão grande relevância em nossa vida; contudo, o grande abismo de separação foi estabelecido lá atrás.

O salmista crê em Deus. Portanto, o seu horizonte já está delineado. Dentro desta compreensão, outras escolhas, outras compreensões serão elaboradas e concluídas, as quais serão profundamente importantes no seu refinamento teológico e existencial. Espero deixar isso mais claro no desenvolvimento deste ponto.

³⁶ “Como é, pois, que vivem os perversos, envelhecem e ainda se tornam mais poderosos? Seus filhos se estabelecem na sua presença; e os seus descendentes, ante seus olhos. As suas casas têm paz, sem temor, e a vara de Deus não os fustiga. O seu touro gera e não falha, suas novilhas têm a cria e não abortam. Deixam correr suas crianças, como a um rebanho, e seus filhos saltam de alegria; cantam com tamboril e harpa e alegram-se ao som da flauta. Passam eles os seus dias em prosperidade e em paz descem à sepultura. E são estes os que disseram a Deus: Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos. Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos? E que nos aproveitará que lhe façamos orações? Vede, porém, que não provém deles a sua prosperidade; longe de mim o conselho dos perversos!” (Jó 21.7-16).

3.1.1 Deus é Rei eterno

“O SENHOR é rei eterno: da sua terra somem-se as nações” (Sl 10.16).

Deus tem todo o poder; tudo lhe pertence. A aparente prosperidade do ímpio está nas mãos de Deus, que governa todas as coisas eternamente. Quando Deus manifestar a sua justiça, não haverá nação, por mais poderosa que seja, que poderá resistir-lhe.

3.1.2 Deus é justo

“Para fazeres justiça ao órfão e ao oprimido, a fim de que o homem, que é da terra, já não infunda terror” (Sl 10.18).

Deus é justo mesmo que não vejamos a sua manifestação. Ele é justo em sua própria natureza. A nossa percepção não serve de critério seguro para avaliar todos os atos de Deus, no entanto, ele permanece sendo o que é.

3.2 *Em relação aos atos de Deus*

3.2.1 Deus defende os desvalidos

“Tu, porém, o tens visto, porque atentas aos trabalhos e à dor, para que os possas tomar em tuas mãos. A ti se entrega o desamparado; tu tens sido o defensor do órfão” (Sl 10.14).

Em sua precipitação o salmista falara de um Deus distante e indiferente. Agora, olhando com mais cautela os fatos, ele tem de admitir que Deus não é indiferente nem está distante. Antes, ele tem observado toda esta situação e tem defendido o órfão e o desamparado. Sempre há o perigo de trazermos para nós a providência de Deus querendo, arrogantemente, ajuizar sobre o tempo e o modo de Deus agir. É de fato, um difícil, porém, necessário exercício de fé, aprender a confiar no cuidado de Deus e a descansar em seu soberano e amoroso cuidado.

3.2.2 Deus ouve as nossas orações

“*Tens ouvido (shama)*, SENHOR, o desejo dos humildes...” (Sl 10.17).

Ainda que sejamos tentados em nossa precipitação a achar que ele está distante ou muito ocupado, Deus sempre ouve com atenção as nossas súplicas. É o que demonstra Davi em outro Salmo: “Eu disse na minha pressa: estou

excluído da tua presença. Não obstante, *ouviste (shama)* a minha súplice voz, quando clamei por teu socorro” (Sl 31.22).³⁷

Deus nos ouve até mesmo quando estamos sofrendo devido à nossa desobediência. Ele é misericordioso: “Então, Jonas, do ventre do peixe, orou ao SENHOR, seu Deus, e disse: Na minha angústia, clamei ao SENHOR, e ele me respondeu; do ventre do abismo, gritei, e tu me *ouviste (shama)* a voz” (Jn 2.1-2).

Devemos aprender a confiar em Deus, expor-lhe em oração as nossas angústias³⁸ e aguardar com fé a sua resposta: “De manhã, SENHOR, *ouves (shama)* a minha voz; de manhã te apresento a minha oração e fico esperando” (Sl 5.3). Ele entende as nossas necessidades e nos responde em sua misericórdia.³⁹ Não tenhamos a pretensão de estabelecer para Deus o caminho da justiça.

3.2.3 Deus fortalece o coração dos fiéis

“Tens ouvido, SENHOR, o desejo dos humildes; tu lhes *fortalecerás (kûn)*⁴⁰ o coração e lhes acudirá” (Sl 10.17).

Ao cultivarmos a certeza de que Deus nos ouve, Deus mesmo firma os nossos corações, o nosso centro vital, para que não sejamos levados pelas circunstâncias e precipitadamente pela aparência dos fatos. “É uma bênção singular a que Deus nos confere quando, em meio às tentações, Ele nutre nossos corações, não os deixando retroceder dele, nem buscando em outra fonte algum outro apoio e livramento”.⁴¹

Deus fortalece os nossos corações para nos firmar os passos: “Tirou-me de um poço de perdição, de um tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me *firmou (kûn)* os passos” (Sl 40.2). “O Senhor *firma (kûn)* os passos do homem bom, e no seu caminho se compraz” (Sl 37.23).

“*Firme (kûn)* está o meu coração, ó Deus, o meu coração está *firme (kûn)*; cantarei e entoarei louvores” (Sl 57.7). Quando nosso coração é firmado pelo Senhor nas Suas promessas nos dispomos a entoar-lhe louvores

³⁷ “Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade, porque o SENHOR *ouviu (shama)* a voz do meu lamento; o SENHOR *ouviu (shama)* a minha súplica; o SENHOR acolhe a minha oração” (Sl 6.8-9).

³⁸ “Na minha angústia, invoquei o SENHOR, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo *ouviu (shama)* a minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos” (Sl 18.6).

³⁹ “Responde-me quando clamo, ó Deus da minha justiça; na angústia, me tens aliviado; tem misericórdia de mim e *ouve (shama)* a minha oração” (Sl 4.1/Sl 4.3). “Pois não desprezou, nem abominou a dor do aflito, nem ocultou dele o rosto, mas o *ouviu (shama)*, quando lhe gritou por socorro” (Sl 22.24). “*Ouve (shama)*, SENHOR, a minha voz; eu clamo; compadece-te de mim e responde-me” (Sl 27.7). Ver também: Sl 28.2,6; 34.6,17; 39.12; 40.1; 54.2; 55.17; 61.1; 116.1; 119.149; 130.2 143.1; 145.19.

⁴⁰ A palavra tem o sentido de estabelecer, firmar, manter-se reto. No estudo do Salmo 108 exploramos mais pormenorizadamente o significado da palavra.

⁴¹ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 230 (Sl 10.17).

com integridade: “*Firme (kûn)* está o meu coração, ó Deus! Cantarei e entoarei louvores de toda a minha alma” (Sl 108.1).

3.2.4 Deus nos acode em nossas necessidades

“Tens ouvido, SENHOR, o desejo dos humildes; tu lhes fortalecerás o coração e lhes *acudirás (qashab)*” (Sl 10.17).

Deus ouve as nossas orações e fortalece o nosso coração com as suas promessas. As suas palavras não são vazias, antes, são os fundamentos de sua ação: ele nos acode, nos socorre de fato. Aqui o salmista se vale de um sinônimo para reforçar a mesma ideia. Deus nos tem ouvido (*shama*) e, por isso, nos acode (*qashab*) em nossas reais necessidades. Ele dá atenção a nós e à nossa súplica.

3.2.5 Deus manifesta a Sua justiça

“Para fazeres justiça ao órfão e ao oprimido, a fim de que o homem, que é da terra, já não infunda terror” (Sl 10.18).

Deus é justo e fará justiça no tempo certo. Podemos e devemos suplicar por sua justiça, contudo, a manifestação da justiça também é uma questão de tempo. Deus em sua longanimidade muitas vezes não executa de forma imediata o seu juízo a fim de oferecer a oportunidade aos seus servos de se arrependem e os justos de aprenderem a perseverar em sua fé.

Deus fará justiça no seu tempo. Em sua justiça não há apelação; ela é decisiva visto que ele é justo, por isso julga justa e retamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(1) Precisamos de cautela em nossos juízos a respeito do silêncio de Deus. O aparente silêncio não é indiferença ou incapacidade. Pode ser uma manifestação de longanimidade dentro de seu propósito pedagógico (Sl 10.1). Não podemos deixar que as nossas experiências mutáveis se constituam apressadamente em parâmetros para a nossa teologia, que deve ser proveniente das Escrituras. As Escrituras é que devem avaliar, instruir e corrigir as nossas experiências.⁴²

(2) Ao contrário do ímpio, não cedamos à tentação de pensar que somos autossuficientes. Confiemos em Deus e em sua manutenção (Sl 10.6). “Confia

⁴² “A teologia cristã oferece uma estrutura pela qual as ambiguidades da experiência podem ser interpretadas. A teologia visa interpretar a experiência. É como uma rede que podemos lançar sobre a experiência, a fim de capturar seu sentido. A experiência é vista como algo para ser interpretado, em vez de algo que em si é capaz de interpretar. A teologia cristã visa assim a *dirigir-se a, interpretar e transformar* a experiência humana”. MCGRATH, *Paixão pela verdade*, p. 66-67.

os teus cuidados ao SENHOR, e ele te susterá; jamais permitirá que o justo seja *abalado (mot)*” (Sl 55.22).

(3) Ainda que não percebamos a manifestação da justiça de Deus, não duvidemos de sua providência. Deus age sempre no tempo determinado por ele mesmo; afinal, Deus é o Rei eterno, tendo pleno controle do tempo (Sl 10.12,16).⁴³

(4) Aprendemos neste salmo que, por mais graves que sejam as circunstâncias adversas, o nosso recurso é orar a Deus. Ele é o Rei soberano e preservador de seu povo. Ele conhece as nossas necessidades (Sl 10.14). Devemos, portanto, expor a Deus as nossas angústias e incompreensões suplicando o seu auxílio (Sl 10.12).

(5) Isto serve de grande estímulo e conforto para nós. Deus reina. Ele tem o controle total de todos os reinos e da história. Aos irmãos atribulados que aguardavam a manifestação da justiça de Deus, Pedro escreve:

Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida, para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos, tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios. Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia. (...) Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas (2Pe 3.1-8,10).

Pregando em Atenas, Paulo afirma que Deus “estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (At 17.31).

(6) Confiar no sustento de Deus que se manifesta no tempo propício. Portanto, devemos pedir a Deus que mantenha o nosso coração reto, firme em suas promessas (Sl 10.17; ver Sl 11.2), renovando em nós um espírito inabalável. Daí a oração de Davi: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito *inabalável (kûn)*” (Sl 51.10).

⁴³ Para uma aplicação pastoral do Salmo 10, Ver: POWLISON, David. *Uma nova visão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 87-102.

Habacuque, vivendo em momento extremamente difícil sob a ameaça da violenta Babilônia, e sem conseguir compreender adequadamente a história, após expor a Deus a sua angústia, escreve: “O justo viverá pela sua fé” (Hc 2.4). A sua fé alicerçada em Deus lhe permitiu declarar na conclusão do livro:

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação. O SENHOR Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente (Hc 3.17-19).

(7) Temos aqui um alerta para nós a fim de que, quando investidos de poder e recursos, não sejamos tentados a tratar o nosso próximo com arrogância e desdém. Deus não se agrada disso (Sl 10.14-18).

(8) A enganosa prosperidade dos ímpios consiste no fato de pensarem que podem viver sem Deus, prescindindo do seu cuidado, misericórdia e amor. A continuar assim, eles descobrirão, talvez tardia e inevitavelmente, que jogaram sua vida fora, tomando aspectos do provisório como definitivo e eterno. Os bens materiais podem ser uma grande bênção de Deus se não nos conduzirem ao materialismo, à redução de toda realidade à fluidez do que é efêmero e passageiro.

(9) Por pior que seja a condição de pecado e maldade do ímpio descrita neste salmo, lembremo-nos de que: a) Se ele, por graça, se arrepender de seus pecados, voltando-se para Deus, será salvo. O santo Deus que reina, governa também com a sua misericórdia. b) Este homem é o espelho do que poderíamos ser se não fosse a graça de Deus que nos atraiu para si, perdendo os nossos pecados, dando-nos um novo coração. Ó maravilhosa graça de Deus! Aleluia! Amém!

ABSTRACT

Observing the wicked's seeming success in their acts of blasphemy, arrogance, pride, and immorality, the psalmist, in a rash attitude, feels insecure regarding God and the events he sees around him. Starting from the psalmist's mature conclusion, the article analyzes how the perspective of faith is fundamental toward trusting in God and continuing to trust despite our immediate, precipitous perceptions of the situation around us.

KEYWORDS

Psalm 10; Impiety; Atheism; God's justice; Patience; Faith.